

PASSADOS RECOMPOSTOS
CAMPOS E CANTEIROS DA HISTÓRIA

Organização

Jean Boutier
Dominique Julia

Participam

Philippe Boutry
Jacques Revel
Patrick Nerhot
Pascal Engel
Claude Langlois
Dominique Borne
François Bédarida
Étienne François
Olivier Guyotjeannin
Jean-Louis Gaulin
Jean-Yves Grenier
François Hartog
Heinz-Gerhard Haupt
Dominique Julia
Simona Cerutti
Olwen Hufion
Marc Lazar
Henry Galinié
Manuel Royo
Pierre Vilar
Arundhati Virmani
Timothy Tackett
Antoine de Baecque

Editora UFRJ
Editora FGV
1998

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

INTRODUÇÃO

Em que Pensam os Historiadores? 21
Jean Boutier e Dominique Julia

1 QUESTÕES

Certezas e Descaminhos da Razão Histórica 65
Philippe Boutry

História e Ciências Sociais: Uma Confrontação Instável 79
Jacques Revel

No Princípio Era o Direito... 91
Patrick Nerbot

Pode a Filosofia Escapar da História? 105
Pascal Engel

Os Efeitos Retroativos da Edição Sobre a Pesquisa 121
Claude Langlots

Comunidade de Memória e Rigor Crítico 133
Dominique Borne

2 COMPETÊNCIAS

As Responsabilidades do Historiador *Expert* 145
François Bédarida

Os "Tesouros da Stasi" ou a Miragem dos Arquivos 155
Étienne François

A Erudição Transfigurada 163
Olivier Guyotjeannin

A Ascese do Texto ou o Retorno às Fontes 173
Jean-Louis Gaulin

A História Quantitativa Ainda É Necessária? 183
Jean-Yves Grenier

A Arte da Narrativa Histórica 193
François Hartog

3 MUTAÇÕES

O Lento Surgimento de uma História Comparada 205
Heinz-Gerhard Haupt

A Violência das Multidões: É Possível Elucidar o Desumano? 217
Dominique Julia

A Construção das Categorias Sociais 233
Simona Cerutti

Mulheres / Homens: uma Questão Subversiva 243
Olwen Hufton

Depois de 1989, Esse Estranho Comunismo... 251
Marc Lazar

A Arqueologia na Conquista da Cidade 261
Henri Galinié e Manuel Royo

4 TESTEMUNHO

A Memória Viva dos Historiadores 271
Entrevista com Pierre Vilar

5 FRONTEIRAS

Os Caminhos da Polifonia 301
Jean Boutier e Arundhati Virmani

A Comunidade Científica Americana: um Risco de Desintegração? 311
Timothy Tackett

Um Mercado Mundial das Idéias: o "Bicentenário" da Revolução 321
Antoine de Baecque

BIBLIOGRAFIAS 335

BIOGRAFIA DOS AUTORES 346

APRESENTAÇÃO

FRANCISCO JOSÉ CALAZANS FALCON

Passados recompostos: Campos e canteiros da História, obra coletiva dirigida por Jean Boutier e Dominique Julia, apresenta ao leitor algumas das preocupações de mais de duas dezenas de historiadores, franceses em sua maioria, acerca de questões hoje na ordem do dia da *Oficina da História*. Tem seqüência assim um movimento historiográfico responsável pela publicação, nestes últimos anos, de obras deste mesmo gênero em diversos países e tendo em comum certas preocupações quanto aos rumos e tendências observáveis na historiografia contemporânea. Da percepção de tais rumos e tendências deriva-se uma certa percepção, algo generalizada por sinal, de se estar, provavelmente, em face de uma *crise da história*. No âmago desta percepção encontra-se uma compreensão aguda das implicações epistemológicas dessa *crise*, vale dizer-se, do que significa para as concepções dominantes acerca da natureza do discurso histórico e de seu valor de verdade, ou seja, ao fim e ao cabo, é a possibilidade mesma de um discurso histórico enquanto *conhecimento de História* que estaria ameaçada.

A partir de uma perspectiva mais abrangente, pode-se situar esta obra ao lado de inúmeras outras editadas neste final de milênio nos mais diversos semelhantes: avaliar os resultados até agora alcançados e tentar oferecer algumas respostas a novas indagações.

No caso específico da historiografia, vem se tornando cada vez mais necessário afirmar de maneira incisiva e incessante os valores destacados por Eduardo Lourenço num de seus últimos ensaios: o valor da racionalidade, a importância do sentido, a existência de inteligibilidade e do conceito.¹ Assim, contra os apóstolos do caos e da desordem epistemológica comprometidos com o *desespero da razão*, cabe ao historiador retomar com decisão os princípios fundamentais de sua própria disciplina. A emergência e disseminação do irracionalismo e do ceticismo relativista, justamente ironizados por Eco ao tratar do Irracional, misterioso e enigmático,² e denunciados entre nós por alguns historiadores, como Cardoso,³ constituem o horizonte principal de referência dos artigos desta coletânea.

Uma das questões subjacentes aos ensaios presentes neste livro é a demanda cada vez mais forte que se exerce sobre a atividade historiadora em

tempos como estes que estamos vivendo. Tidos como *senhores do passado, ou donos da memória*, sofrem os profissionais de História duas solicitações opostas: a solicitação daqueles que desejam conhecer/compreender o *passado*, e a dos que sonham com antever o *futuro*. Confundidos com os “futurólogos”, os historiadores vêem-se instados pela *mídia* a delinear os rumos mais prováveis da História, a partir da suposição algo ingênua de que o seu conhecimento do passado constitui passaporte garantido rumo às incertezas do futuro.⁴ Como se verá em alguns ensaios desta coletânea, a tendência a resgatar, na atualidade, a *história do tempo presente*⁵ não significa, do ponto de vista dos historiadores que a praticam, qualquer compromisso com especulações futuroológicas.

No entanto, bem mais até que o futuro, é certamente o próprio passado que se tornou um sério problema para seus tradicionais *senhores*. *Passado*, vale frisar, aqui entendido quer como *realidade* em si mesma, quer como o objeto por definição da prática historiadora que a respeito dele produz seu próprio *discurso*. Um discurso, é bom notar, que se quer como conhecimento verdadeiro da *realidade passada*. Assim, se a noção mesma de *passado* é passível de interpretações as mais diversas, cabe recorrer à conhecida frase de Pierre Vilar – *a história fala da História*⁶ – a fim de nos interrogarmos sobre a validade ou não, ainda hoje, do que nela se afirma de essencial: a “história – disciplina” e a “História – matéria” pressupõem-se mutuamente. Com efeito, ante a tão repetida declaração de falência da concepção hegeliana de *História*⁷ e os estragos causados à *história-disciplina* pelas análises críticas associadas ao *linguistic turn*, ao *narrativismo*, e à *crise da grande teoria*,⁸ é extremamente bem-vinda esta publicação de trabalhos sérios e oportunos escritos por autênticos especialistas *do ramo*, isto é, familiarizados com as verdadeiras dificuldades do processo de escrever textos de *história*.

Tal como outras coletâneas do mesmo gênero, *Passados recompostos* constitui mais uma tentativa de articular uma espécie de *estado atual das questões*, à maneira das conhecidas coleções *Clio* e *Nouvelle Clio*, mas com uma diferença essencial: agora, os balanços e perspectivas visam principalmente os problemas gerais da disciplina e cada autor busca indicar caminhos e soluções sempre do ponto de vista *do historiador*. Quaisquer semelhanças com aqueles antigos manuais ficam na verdade um tanto esmaecidas quando se busca compreender o título e subtítulo deste livro:

Passados recompostos: passados (plural), e não simplesmente o passado; *recompostos*, vale dizer: refeitos mas não exatamente “reconstituídos” ou simplesmente “revelados”. Em ambos os casos, título e subtítulo, tanto a

realidade quanto a *objetividade* do conhecimento histórico são propostas ao leitor sob a capa de alusões indiretas a questões que estão na primeira linha dos debates atuais. De fato, referir-se a *passados* é sinalizar-se, simultaneamente, tanto no sentido do problema da *realidade histórica*, enquanto sinônima de *passado*, como do discurso que se produz sobre este mesmo passado. Ao se propor o caráter *recomposto* desses passados, convoca-se para a frente do palco a figura do historiador enquanto subjetividade decisiva para o trabalho artesanal de a seu modo, segundo sua *leitura*, recompor um certo passado. Difícil não se pensar, imediatamente, nas interpretações que postulam a inexistência, ou a “irrealidade”, da História, e sua inacessibilidade a todo e qualquer conhecimento.⁹

Os autores de *Passados recompostos* procuram fazer uma espécie de contraponto aos vários descaminhos da razão historiadora que o título da obra parece, num primeiro momento, incorporar ou, quem sabe, insinuar. Contra os fatores que favoreceram e ainda favorecem tais descaminhos, sublinham eles os aspectos do *ofício* capazes de frear os excessos de subjetividade típicos da cultura contemporânea: o *estado da documentação*, os *lugares sócio-institucionais de produção do discurso histórico* e as indispensáveis *premissas teórico-metodológicas* de toda pesquisa histórica que se preze. Fica também muito evidente, na maior parte destes ensaios, uma certa ênfase em direção à hermenêutica, a qual parece derivar como que naturalmente do caráter essencialmente *interpretativo* do trabalho historiador que aparentemente admitem.¹⁰

Já o subtítulo, se também inova, permite no entanto que se perceba com muito mais clareza uma evidente intenção de retificar as eventuais derrapagens ou exageros a que o título possa ter conduzido o leitor menos atento.

A referência aos *campos da História* serve para quebrar a tradicional rigidez associada às delimitações baseadas em especializações disciplinares que se ignoram às outras. Ao mesmo tempo, a idéia de campos vale como afirmação da pluralidade dos espaços postos à disposição do conhecimento histórico, o sem sentido das fronteiras rígidas e as possibilidades infinitas das trocas com os campos vizinhos – das ciências humanas e sociais.

A alusão a *canteiros*, certamente disseminados pelos diferentes campos, contém uma outra mensagem: escrever história, como trabalho de um tipo específico de profissional, é atividade que possui exigência e servidões inevitáveis – formação específica, familiaridade com uma certa prática, obediência a regras ditadas pelo *ofício*. Cabe à comunidade historiadora, hoje cada vez mais internacionalizada, reconhecer ou não como de história os textos que assim se auto-intitulam.

Não gostaria de concluir esta parte sem fazer o elogio de mais uma característica extremamente positiva deste livro: apesar de produzido por historiadores franceses, não espere o leitor nele encontrar mais uma daquelas coletâneas triunfalistas já tão conhecidas. Bem ao contrário da tradição das *Annales*, reconhece-se, sim, que existem graves e importantes problemas a enfrentar, evidencia-se muito bem a tomada de consciência quanto às relações realmente existentes entre tais problemas e os assim chamados *desafios* dirigidos à história por um verdadeiro exército de filósofos, lingüistas e especialistas em teoria da literatura.

Enfim, registro meu próprio alívio ao perceber que não mais me encontro diante de outra antologia voltada para aquelas nossas já conhecidas e desgastadas querelas: *objetos* – novos ou antigos? *abordagens*: inovadoras/*progressistas* ou tradicionais/*conservadoras*? *métodos*: quantitativos (*empiristas*) ou qualitativos (*teoricamente embasados*)? a diferença/oposição entre *história evenementielle*, *historizante*, e *história conceitual*, fundada em pressupostos teóricos de viés *estrutural*, é passada em revista, sim, mas como parte do processo histórico da própria escrita da História.

A coletânea está dividida em quatro blocos temáticos intitulados: Questões, Competências, Mutações e Fronteiras; há, ainda, uma Introdução e um Testemunho.

Elaborada pelos organizadores da obra, a Introdução sintetiza os objetivos e preocupações que norteiam o conjunto das intervenções e ostenta um título sintomático: Em que pensam os historiadores? É como se já soubessem da *resposta* mais provável: Quem afirma que os historiadores pensam? A prova desta suposição vem logo a seguir: “é por demais conhecida a pouca inclinação dos historiadores pelas questões de natureza reflexiva respeitantes à sua disciplina”; os historiadores que se preocupam com a análise dos pressupostos teóricos de seu próprio *fazer* sempre foram e ainda são uma espécie de *avis rara*. Afinal, não vem a ser isto exatamente o que um historiador como Elton¹¹ afirmou e defendeu, ainda recentemente, sem meias palavras, ao denunciar e mandar às urtigas as *teorias* dos cientistas sociais e as *filosofias* dos não-historiadores (filósofos, lingüistas, literatos) precisamente porque todos eles desconhecem a prática do historiador, pois, jamais tendo pesquisado e muito menos produzido *história*, como podem pretender agora dizer algo sobre o *ofício*?

Boutier e Julia não pactuam, é claro, com o radicalismo de Elton, embora tratem, até certo ponto, de problemas idênticos; apenas entendem eles que a melhor política não é a do avestruz; a auto-reflexão historiadora é quem deve proceder ao reconhecimento e análise crítica dessas incursões